

## POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 289

DATA : 16 12 90

PG. : A-3

### Paz para o nosso grande Xapuri

FABIO FELDMANN

Em 1988, Chico Mendes veio a Brasília e juntos, com o Conselho Nacional de Seringueiros e o Instituto de Estudos Amazônicos, fizemos um projeto de lei criando as reservas extrativistas, projeto que começou a percorrer o longo, complicado e demorado caminho das proposições legislativas no Congresso Nacional.

Quando o governo —ainda na era Sarney— enviou para aprovação, em regime de urgência, o pacote de projetos conhecido como “Nossa Natureza”, conseguimos incluir no artigo 9 da lei 7.804, a criação das reservas como unidade de conservação. Tendo atingido o objetivo por vias mais rápidas e efetivas, pedimos o arquivamento do projeto que elaboramos com Chico. Nesta altura dos acontecimentos, Chico Mendes já estava morto, nas circunstâncias de todos conhecidas e sua obra político-sindicalista-ecológica no Acre ganhara foros de símbolo, pela ordem: da coragem pessoal de um líder, da luta desigual de comunidades tradicionais contra o rolo compressor impulsionado por forças decididas a apoderar-se das últimas áreas intocadas do país; do espírito ambientalista internacional; da defesa da integridade da floresta amazônica.

Não adiantaram os avisos de que a vida de Chico Mendes estava em perigo. Ele era uma liderança que simbolizava a aliança entre os militantes do movimento ecológico e os seringueiros, habitantes familiarizados com a floresta tropical, da qual tiram seu sustento sem destruí-la e que enfrentam, dia a dia, os interesses daqueles que querem a Amazônia dividida em grandes capitâneas hereditárias.

Lembro-me desta trajetória hoje, quando Chico vira símbolo de mais uma causa, por muitos considerada perdida no país: a da prevalência da lei e da

Justiça como freio à violência. Nesse sentido, Xapuri é só um ponto no mapa. Eram o Brasil e suas tragédias grandes e pequenas que estavam na sala do Tribunal do Júri de um local distante, pobre, com jurados assustados com a súbita transcendência planetária de seu papel; com réus certamente impressionados com a ampliação de sua simples e truculenta determinação de resolver a própria ganância pela terra por meio da eliminação sumária do empecilho, o que aprenderam ser eficiente, rápido e, na prática, socialmente aceitável.

Chico e sua floresta renascem todo dia nas idas e vindas desse exército brancaleônico que somos todos nós. Deslumbrados, oportunistas, vaidosos, simples, ingênuos, sentimentais, idealistas, intolerantes, generosos, briguentos, determinados, perdidos, cansados, desiludidos, empedernidos, irredutíveis, contraditórios, vacilantes, errados, frágeis, sectários, visionários, estamos todos nós representados em Xapuri; nós que com todas as nossas limitações e grandezas encarnamos a não-violência, o repúdio ao autoritarismo e a eterna esperança da não-guerra, da não-destruição, da não-injustiça, da não-realidade atual.

Mesmo que os tempos que vivemos empurrem para uma leitura pessimista, devem-se reconhecer avanços. Chico Mendes não foi o primeiro a ser morto na defesa dos direitos dos povos da floresta. Antes dele muitos, entre os quais o grande líder Wilson, diretor do Sindicato Rural de Brasília. Depois dele, outros; foram mais de mil assassinatos no Acre nos últimos dez anos. Mas é a primeira vez que um caso vai a julgamento com grandes possibilidades de punição dos culpados. Essa é a grande questão, agora, e ela transcende ao ambientalismo e à preservação da floresta amazônica. Ela levanta a discussão sobre as possibilidades reais de

não só criarmos regras para o desenvolvimento da sociedade como de fazermos cumprir essas regras por todos. É na falta de cfaça na Justiça que morre o encanto pelo futuro, a capacidade da sociedade aceitar soluções coletivas penosas e se fortalece a via do vale-tudo, da terra-de-ninguém.

No mesmo momento em que o julgamento dos assassinos de Chico Mendes cria um evento internacional em Xapuri, no Congresso tentamos chegar a um consenso sobre vários temas, entre os quais destacaria dois, por conterem fartos elementos do que afirmamos aqui. Em primeiro lugar, a política salarial, que impõe sacrifícios pesados demais decorrentes de uma situação econômica gerada na mesma matriz que explica a violência da morte de Chico Mendes. Enquanto debatíamos, na outra ponta da rua, as polícias Civil e Militar de Brasília enfrentavam-se numa batalha campal, na qual mais de 200 tiros foram trocados. Uma polícia estava em greve por salários, a outra foi chamada para reprimir. Não há por que temer ameaças externas. O nosso Oriente Médio é aqui mesmo.

Em segundo lugar, a lei agrícola. Mesmo não sendo totalmente satisfatória, sua aprovação é auspiciosa pois demonstra que não é mais possível elaborar grandes políticas no país sem aceitar uma ampla negociação e sem considerar os interesses dos vários segmentos sociais. Isso foi demonstrado pelo movimento ambientalista.

É difícil, enfim, interpretar o real significado de Xapuri, mas, com certeza, ele ultrapassa o Acre; está a nossa volta e, no mínimo, deve fazer soar a advertência de Guimarães Rosa no seu “Grande Sertão Veredas”. Viver é muito perigoso; o diabo está solto na rua, no meio do redemoinho.

FABIO FELDMANN, 33, advogado e administrador de empresas, é deputado federal pelo PSDB de São Paulo.